



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante abertura do Encontro Nacional da Indústria da Construção**

**Brasília-DF, 03 de outubro de 2007**

Vocês viram que o Álvaro, quando foi me chamar, está tão tarde, que ele quase que falava: “Vai falar o Lula”. Essas coisas de fazer discurso às 11h da noite, Paulo, somente quando a gente vai pedir a namorada em casamento e, mesmo assim, o sogro não está disposto a ouvir com muita paciência.

Bem, eu quero primeiro cumprimentar os empresários, as empresárias e as esposas dos empresários que estão aqui, as empresárias e os esposos que estão aqui,

Quero cumprimentar a imprensa,

Quero cumprimentar os meus ministros,

Quero cumprimentar o vice-governador,

Quero cumprimentar os deputados, os senadores e a senadora Ideli, o senador Casagrande,

Cumprimentar o Meneguelli, o Hereda, são todos pessoas que eu cumprimento mais do que o normal, mas eu queria cumprimentar, Paulo, a Câmara Brasileira da Indústria da Construção Civil,

Quero cumprimentar o Élson Ribeiro, do Sinduscon, o Adalberto Cléber Valadão, presidente da Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário, e também Paulo Perez, presidente da Associação Brasileira de Construtores,

Prometo não fazer discurso, prometo não ler o meu discurso porque tem hora em que nem eu me agüento, quanto mais pedir para vocês terem paciência.

Também não vou falar de economia porque o Guido Mantega vem amanhã, às 5h30 da tarde, conversar com vocês.



Também não vou falar de números da construção civil, porque falar depois de três representantes dos empresários, que falaram, seria redundância.

Quero agradecer os elogios do Paulo Octávio.

Em verdade, quando nós fazemos um encontro como este, Paulo, nós precisamos levar em conta algumas coisas. Contra fatos, não há argumento. É visível, bastante perceptivo que o Brasil vive um momento importante, e vive para quase todos os segmentos da sociedade brasileira. Aliás, hoje, a indústria atingiu 87% da sua capacidade instalada e isso, para mim, é uma alegria e ao mesmo tempo uma preocupação, porque significa que precisa de mais investimentos para que as empresas possam crescer porque senão – na medida em que há procura, a demanda vai ficar maior do que a oferta – nós poderemos incorrer em erros de outros momentos históricos que nós vivemos.

Nós, hoje, vivemos uma contradição que para alguns parece importante e, para mim, preocupante. Eu, agora, estava em uma reunião com dez grandes empresários que fazem parte de um grupo que o presidente Bush e eu acertamos para melhorar o entrosamento entre os empresários brasileiros e os empresários americanos. Eu dizia o que está acontecendo em alguns setores da economia brasileira e o empresário dizia para mim: “Não, Presidente, é importante”. Isso é uma coisa de que eu sinto orgulho. “Está faltando coisa. Duro era quando a gente estava sobrando”. Eu acho que essa analogia não vale quando a gente trata de um país ou trata de um ser humano.

O Brasil hoje tem problemas de engenheiro, o Brasil tem problemas de especialistas em várias atividades. Ontem, por exemplo, eu chamei um setor do Ministério de Minas e Energia para discutir e estava dizendo para eles da necessidade de nós fazermos um levantamento geofísico do Brasil, porque até agora só temos 10% do Brasil, numa escala de 1 para 100, mapeado. É muito pouco para um país de oito milhões e meio de quilômetros quadrados. Eu perguntava ao diretor do DNPM: Quanto vai ser necessário de dinheiro para



que a gente faça o levantamento no Brasil inteiro? Ele dizia: “Uns 300 milhões”. E eu disse a ele: pois eu vou colocar o dinheiro na sua mão, porque eu quero que a gente tenha em dois anos e meio o levantamento geofísico do País. “Não pode, Presidente, porque não tem geólogo. O Brasil precisa formar mil geólogos por ano e está formando 170”. E aí, outras profissões que estamos detectando, estamos detectando exatamente porque o crescimento da economia vai exigindo que algumas profissões sejam requisitadas. Em época de desemprego, ninguém notaria isso. Época de desemprego na construção civil, que não é uma época de um ano, de dois anos, são mais de duas décadas de estagnação. Duas décadas é uma geração inteira em que este País vive engatinhando, tentando dar um passo e não consegue dar esse passo.

Nós chegamos aqui hoje, Paulo, primeiro porque o governo ousou reconhecer que não era o dono da verdade e que precisava conversar com os setores produtivos para ouvir deles as necessidades do setor. E vocês, porque não se comportaram como aqueles que, muitas vezes, nem pedem uma audiência para o governo mas falam contra, apenas por uma questão de hábito. Vocês tiveram a coragem, a competência e a inteligência de, em todas as vezes que foram conversar com o governo, levar proposta por escrito. Certamente, o que nós estamos colhendo hoje neste País é resultado da humildade do governo, da humildade de vocês mas, também, da competência de vocês e da competência do governo de entender que a construção civil é um segmento muito importante para alavancar o desenvolvimento deste País. Agora nós precisamos correr atrás do prejuízo, porque daqui a pouco estará faltando vergalhão, daqui a pouco estará faltando cimento, daqui a pouco estará faltando até pedreiro. A gente não encontra mais um colocador de azulejos com facilidade. E isso é porque durante muito tempo este País passou por três preocupações: primeiro, a preocupação da inflação. Eu tinha apenas 20 e poucos anos de idade quando entrei no movimento sindical. Em trinta



anos, a gente não discutiu outra coisa neste País a não ser inflação. Depois que nós paramos de discutir a inflação, não porque acabamos com ela, nós passamos a discutir a dívida externa. Foram mais 20 anos em que não tinha candidato em campanha política que não colocasse como meta acabar com a dívida externa e, depois, a questão da política tributária.

Agora, vamos ver o que aconteceu de fato neste País. Este País nunca soube combinar, Paulo, crescimento econômico com inflação baixa. Havia um dogma, havia uma coisa na cabeça dos deuses que governaram este País, de que era proibido falar em crescimento sem levar a inflação junto. O período Juscelino foi um bom período da economia brasileira, o Brasil cresceu em média 7%, mas a inflação não pôde ser segurada abaixo de 21%.

Depois criaram um outro dogma: o Brasil não poderia exportar sem que tivesse que matar o mercado interno e, cada vez que decidia vender para o exterior, decidia asfixiar o mercado interno. E, ao mesmo tempo, havia uma síndrome de fragilidade nas pessoas que pensavam a economia neste País, que toda vez que apontava um pedacinho de inflação, a primeira coisa que eles faziam era reduzir a demanda, reduzindo o crédito. Portanto, um País capitalista, que não tem capital e muito menos capital circulante, não pode nunca dar o salto de qualidade que precisaria dar.

Foram 20 anos, certamente milhares de micro e pequenas empresas quebraram neste País. Certamente, milhares de trabalhadores entraram no desespero porque não tinham emprego. E vamos ser francos, Paulo, poucas vezes os empresários brasileiros encontravam um canal no governo para conversar, poucas vezes.

Por que nós mudamos esse padrão? Porque era necessário mudar esse padrão. O Brasil tem todas as condições de se consolidar enquanto uma forte economia mundial. As indústrias modernas no Brasil não têm medo de competir com nenhuma indústria moderna de nenhum país do mundo. A construção civil brasileira não tem medo de competir com nenhuma construção



civil de nenhum país desenvolvido do mundo, nenhum. A nossa qualidade pode ser até melhor, as nossas empresas de construção pesada não têm medo de disputar e não perdem para nenhuma em qualquer país do mundo.

Agora, imaginem o que são 20 anos paralisados. Imaginem o que é a quantidade de governos que vocês tiveram que enfrentar, de prefeitos a governadores de estado, a presidentes da República, que contratavam uma obra, sabiam o dia em que ela ia começar mas não sabiam nem o dia que iam pagar e nem o dia em que ela ia terminar. Quem não andou por este País e não viu, em vários lugares, dezenas e dezenas de máquinas paralisadas, enferrujando, porque a obra tinha sido contratada, o governo não tinha pago e as empresas, portanto, não podiam continuar trabalhando de graça? Se continuasse desse jeito, Paulo, o Brasil não teria solução.

Eu me lembro quando foi discutida com vocês e mandadas, para o Congresso Nacional, as primeiras mudanças na legislação. Aquela que permitia que o sistema financeiro pudesse financiar uma casa e, se o cidadão não pagasse, ele teria a sua casa tomada. Somente a insensatez pode permitir que alguém pode financiar alguém, ter um prejuízo e não acontecer nada. As pessoas pensavam que estavam fazendo um bem para o comprador de uma casa, quando estavam fazendo um mal. Porque é verdade que não pode tomar a minha casa, mas é verdade também que eu não tenho financiamento e, portanto, eu não vou ter casa. Essa era a lógica perversa deste País.

Pois bem, isso mudou. Mudou porque nós construímos juntos, tivemos a compreensão do Congresso Nacional e demos um passo importante. Agora, o que passou, passou, o que não foi feito, não foi feito, o que foi feito, está feito. É preciso agora pensar quais os próximos passos que vamos dar e eu, como já tenho 60 anos, não tenho muito tempo de ficar pensando em muito longo prazo, no máximo a médio. Dependendo, se o médio for uns 15, porque se o médio for uns 20 já estou, como eu diria, na curva. Acontece que eu acredito tanto nas nossas possibilidades, que eu não posso admitir um empresário ou



um trabalhador botar a mão no queixo e ficar dizendo “não vale a pena, está tudo perdido, eu não tenho sorte”. Não é possível que a gente fraqueje diante de qualquer dificuldade. Para os trabalhadores, eu utilizo sempre o meu exemplo. Se miséria, pobreza e fome fossem motivos para um ser humano desanimar de viver, eu não estaria aqui falando com vocês como presidente da República deste País. Estou aqui porque, como muitos de vocês, perseverei, acreditei. A gente tem que ter crença nos momentos difíceis, porque nos momentos fáceis a gente não precisa nem de fé, as coisas vão embora. Nos momentos difíceis é que nós temos que trabalhar.

Agora, nós temos que aproveitar este momento bom para dar os passos seguintes. O PAC, possivelmente, seja a mais importante obra de engenharia administrativa que um governo já fez neste País. E posso dizer para você, Paulo, que o Conselho Gestor funciona e a cada quatro meses tem que me prestar contas. Eu quero saber por que a 163 não está saindo, eu quero saber por que a ponte não sei de onde não está saindo, eu quero saber por que a “Sete Curvas” não saiu, eu quero saber de cada coisa. Não se iludam, também, que apenas criando uma secretaria de desburocratização vai acabar com a burocratização. Ela tende a fazer parte de mais um elo da burocracia do Estado. O problema é que nós criamos instrumentos que a gente pensa que são para facilitar as coisas e terminam atrapalhando as coisas.

Nós temos que rediscutir uma série de coisas que nós mesmos fizemos. Deputados que vocês ajudaram a eleger fizeram legislação que hoje nós achamos inadequada. Quantas vezes nós fazemos uma licitação, a empresa que perde entra na Justiça e a gente fica um ano brigando com liminar? Quantas vezes? Quantas vezes eu vou dar ordem de serviço para uma obra e, seis meses depois, eu pergunto: como está aquela obra? Está parada. O Tribunal de Contas foi lá e parou; ou está parada porque o Ministério Público parou; ou está parada porque o Lula perdeu para o Paulo, então o Lula entrou na Justiça e a juíza deu a liminar; ou porque o Ibama deu licença prévia, mas o



Ministério Público entrou com uma ação; ou o Ibama não deu licença prévia e a gente vai culpando cada órgão quando, na verdade, foram os marcos jurídicos que nós criamos que criaram todas essas possibilidades. Então nós temos, Paulo, um caminho a percorrer pela frente. Nós sabemos que a Lei de Licitação não é uma obra-prima e precisa ser adequada aos momentos que nós estamos vivendo. Eu acho que nós precisamos construir, aproveitando este momento bom, o que falta ser construído para que a gente possa tornar o Brasil um país ISO 14000 na execução das obras, na deliberação, na licitação.

Paulo, você tocou em quatro assuntos que eu considero importantes. Reforma tributária: Paulo, nós não podemos nos esquecer que, no dia 27 de abril de 2003, eu e 27 governadores fomos ao Congresso Nacional entregar uma proposta de política tributária feita por consenso entre o Presidente e 27 governadores. O que aconteceu? Ela não saiu. E não saiu, não porque não tinha proposta. Não saiu porque cada governador, cada prefeito ou cada deputado pensa na sua região e ninguém quer perder nada. Ninguém quer abrir mão de 50 centavos. É por isso que nós temos ICMS de 30% em um lugar, de 18% em outro, de 15% em outro, de 12% em outro, de 7% em outro.

Agora, Paulo, segundo informações que eu tenho – o Walfrido está do seu lado, pode cochichar no seu ouvido – nós estamos o mais próximo que já estivemos da construção de uma nova proposta de política tributária. A política tributária é difícil porque é como futebol, cada um tem seu time. Cada empresário aqui, se eu fosse perguntar para dez empresários diferentes qual seria a proposta de política tributária, elas não seriam iguais, cada um tem a sua. Agora, o que nós queremos construir é uma proposta tributária para este País, e ela só pode ser construída, Paulo, se houver um trabalho imenso, eu diria, um trabalho gigantesco de empresários, de governos – governo federal, governo estadual, governo municipal – em torno de algo que não seja perfeito, mas que seja o mais próximo das necessidades deste País.

A reforma trabalhista. A reforma trabalhista, como a reforma da



Previdência... Vejam, um país que passou 20 anos sem gerar a quantidade de empregos que acompanhasse o crescimento demográfico e aumentando, cada vez mais, o número de aposentados, só pode ter um déficit do jeito que tem. Cresça a economia brasileira quatro ou cinco anos seguidos, a 5%, para ver o quanto a gente vai diminuir o déficit da Previdência. O que não dá é, para tudo o que a gente quiser fazer, se apresentou uma crise, as pessoas jogam a culpa na Previdência. Jogam a culpa em quem? Nos aposentados. “Mas o governo está gastando muito”. Estamos gastando o necessário. Quando nós incluímos sete milhões de trabalhadores rurais na Previdência, na verdade, o que nós fizemos foi fazer sobreviver milhões de brasileiros que trabalharam no campo o tempo inteiro e não tinham como contribuir. Nós vamos deixar essas pessoas serem marginais? Ou o Estado brasileiro, a nação, aqueles que podem e precisam, arcam com o sacrifício?

A questão da reforma trabalhista. Companheiro Paulo, nós acabamos de aprovar a Lei Geral das Micro e Pequenas Empresas. A Lei Geral das Micro e Pequenas Empresas estabelece uma outra relação, tanto nas contribuições quanto na relação com os trabalhadores. Ela ainda nem começou a funcionar direito, porque agora é que acabaram as inscrições, foram quatro milhões de pequenas e micro empresas que se inscreveram. Na medida em que isso começa a dar certo, a gente vai convencendo a sociedade, com exemplos, de que é plenamente possível discutirmos a questão trabalhista. Não é possível que uma lei feita em 1943 seja tão perfeita, com todos os avanços que houve no mundo do trabalho, que não possa mudar nada. Não é tirar direito de ninguém, é apenas adequá-la ao século XXI, à era da informática, à era da internet. É apenas isso, é discutir, e há um tabu para discutir isso, Paulo, e isso não pode ser feito na marra. Isso não passa no Congresso Nacional nem que vocês decidam aqui neste congresso, ir todo mundo para lá. Não passa. É preciso construir.

Aliás, meu querido Luís Roberto, que está aí, sabe como é difícil passar



as coisas no Congresso Nacional, é um trabalho de convencimento. Na marra, Luís Roberto, a gente não passa. Então, vamos construir juntos. Há um espaço enorme para a gente construir o que falta construir para este País. O que não dá mais é a gente ficar olhando o País como a gente olhava há dez anos, sem se dar conta de que mudou, e mudou muita coisa neste País, e os empresários sabem disso. E vai mudar mais. Eu estou convencido de que nós entramos num círculo virtuoso, que é a chance que o País tem (inaudível).

Um companheiro, empresário de Minas Gerais, dizia: “Este Presidente tem sorte, acho que Deus está com ele”. Deus está comigo porque eu sou católico e creio nele. Se Deus passou aqui em algum momento e tinha um ateu no governo, Deus não deu atenção. No meu caso, ele falou: “Bom, deixe-me ajudar esse cristão aqui, desse eu vou cuidar”. E as coisas começaram a acontecer.

Eu posso dizer para vocês que o Brasil nunca viveu um momento de credibilidade internacional como ele vive, posso dizer para vocês que não tem momento na história deste País. E isso foi uma conquista nossa, de 190 milhões de brasileiros, que fizemos sacrifícios como deveríamos ter feito. Vocês pensam que foi fácil sobreviver a 2003? Muito fácil? Aliás, tinha muita gente que achava “o Lula não passa de 2003. Ele chega a 2003, mas não chega a 2004”. As pessoas achavam que era um fracasso total e absoluto, e eu dizia no começo da posse: qualquer presidente deste País pode falhar. O cara falha, não deu certo, vai para Harvard, vai para Sorbonne, vai para não sei onde, passa dois anos fora, as pessoas esquecem e ele volta para cá. É verdade. Amanhã, assim que eu sair daqui, vou voltar para São Bernardo do Campo e ficar a 600 metros do Sindicato dos Metalúrgicos, que vai azucrinar a minha vida. E depois, aqui é uma chance histórica, porque eu sou a única alternância de poder que aconteceu em 500 anos. É o único segmento social diferente que chegou à presidente da República.

Então, mais do que governar, Paulo, eu me levanto todos os dias para



cuidar deste País e, ao mesmo tempo, eu me levanto para dizer o seguinte: todos os presidentes que erraram ou que acertaram foram mais um presidente. Se eu errar, vão dizer: “Trabalhador não sabe governar”. E eu quero sair daqui convencido de que o povo brasileiro, seja ele empresário ou trabalhador, se tiver compromisso com este País, se tiver amor a esta pátria e for, antes de qualquer coisa, brasileiro, verde e amarelo, ele não tem por que errar. A bola está comigo e com vocês, nós não podemos reclamar de ninguém. A bola é nossa.

Da parte do governo, eu quero assumir um compromisso aqui. Da parte do governo não haverá dificuldades para fazermos as mudanças que precisarmos fazer, não faltará crédito. Aliás, está bom de crédito, não faltará crédito. E Deus queira que por conta desses acertos nossos, não faltando crédito, não faltando disposição do governo e nem faltando empresário com vontade de investir, haja bastante comprador das coisas que a gente vai produzir.

Paulo, meus parabéns, quero agradecer as suas palavras elogiosas. Eu sei que o pessoal da construção civil sempre foi um parceiro que buscou encontrar soluções e eu quero repartir contigo: o sucesso que estamos tendo aqui não é um sucesso do Lula ou do governo, é um sucesso dos brasileiros e brasileiras que um dia ousaram acreditar neste País.

Muito obrigado e que Deus nos abençoe.